



P R O C U R A N D O R A Z Ō E S

W A L D O M I R O J . S I L V A F I L H O

PROCURANDO RAZÕES

Waldomiro J. Silva Filho

VERSÃO NÃO REVISTA

Salvador, 30 de julho de 2021.

“Assim como a paixão pela religião, a paixão pela filosofia, embora tenha por alvo a correção de nossa conduta e a *extirpação de nossos vícios*, parece sujeita ao inconveniente de que, pelo seu manejo imprudente, pode servir apenas para fortalecer uma inclinação que já predomina e já atrai em demasia, em função das tendências e inclinações de nosso temperamento natural. É certo que, ao buscarmos atingir a elevação e firmeza espiritual do sábio filósofo e esforçarmo-nos para confirmar nossos prazeres exclusivamente ao campo de nossas próprias mentes, poderemos acabar tornando nossa filosofia semelhante à de Epicteto e outros estoicos, ou seja, simplesmente um sistema mais refinado de egoísmo; e *persuadir-nos pelo raciocínio a nos afastar de toda a virtude assim como dos prazeres do convívio social.*” (grifos meus)

David Hume, *Investigações sobre o Entendimento Humano*, V. I.

VERSÃO NÃO REVISADA

Dedicatória

Este livro é dedicado a

Plínio Smith e Sven Bernecker

VERSÃO NÃO REVISTA

Sumário

Prefácio

Introdução

Cap. 01 – Como se perder na própria casa

Cap. 02 – Ainda é preciso ser neopirrônico

Cap. 03 – As vicissitudes da racionalidade

Cap. 04 – O entendimento e a arena das razões

Cap. 05 – Para uma conversa, dois

Referências Bibliográficas

VERSÃO NÃO REVISTA

Prefácio

1. Qual o resultado do trabalho filosófico? Para Michel de Montaigne (III.11, p. 354), a “admiração é fundamento de toda filosofia; a investigação, sua progressão; a ignorância, seu final [le bout]”. E quando fala de *ignorância*, Montaigne não está pensando na ausência de saber causada pela inaptidão, incompetência ou vícios de uma pessoa. Ele se refere a “uma ignorância forte e generosa que em honra e coragem nada fica a dever à ciência”, é uma ignorância “que para concebê-la não há menos ciência do que para conceber a ciência”.

Por causa do meu temperamento, das muitas coisas que aprendi no próprio estudo da filosofia e da convivência com diversas pessoas, mas também por causa das dúvidas e desassossegos que atracaram em mim, estou inclinado a admitir que “*a quelque ignorance*” pode, sim, ser o que alcancei como saldo dos meus maiores esforços intelectuais. Mas escrever aqui que, a despeito do meu empenho, *eu não sei*, não quer dizer que a ignorância que atingi não é aquela de que fala Montaigne. Eu trabalho como quem está perdido em um território familiar... e não sabe por que está perdido – a paisagem parece habitual, a língua do lugar imita a minha língua materna, mas não são; eu trabalho como quem não enxerga direito. Todos os dias que tenho me dedicado aos meu ofício, preparando aulas de Teoria do Conhecimento, lendo a obra de filósofos, escrevendo sobre assuntos que me afetam, foi sempre o mesmo desespero por alguma lucidez... e o mesmo malogro. Por isso, a ignorância que *conquistei* não chega a ser uma conquista, mas um estado disposicional, uma inclinação, uma habilidade para usar uma ferramenta que vem se forjando com a experiência: um certo modo de ser cético.

2. A matéria que compõe este livro surgiu em vários lugares e datas diferentes, dispersos na minha experiência nas inúmeras vezes que fui instado a pensar, discutir ou me pronunciar sobre a ideia de que nós temos (ou deveríamos ter) uma capacidade para julgar que faz parte da nossa natureza humana, que nós temos o poder de sopesar nossas próprias opiniões e, com isso, conduzir nossas vidas e executar as valiosas tarefas de conhecer apropriadamente o mundo e decidir apropriadamente o que fazer. O fato é que, em um certo momento, entre leituras, congressos e as anomalias do dia a dia, ocorreu-me uma pergunta sobre a possibilidade e o valor da *reflexão* – entendida como ato de examinar os próprios estados mentais. E eu me dei a tarefa de investigar isso.

Em 2016 eu fui convidado por Sven Bernecker a apresentar a primeira versão de um texto que eu trabalhava na época em parceria com Felipe Rocha sobre esse assunto, “Disagreement and reflection”, durante o prestigioso *Southern California Epistemology Workshop* na University of California/Irvine diante de uma plateia formada Yuval Avnur, Annalisa Coliva, Peter Graham, Karl Schafer, Martin Schwab, David Smith e o próprio Sven. Em 2017, novamente a convite de Sven, passei um agradável período da Universität zu

Köln, na Alemanha, e apresentei uma nova versão do argumento da apresentação em Irvine para o grupo de pesquisadores do *Cologne Center for Contemporary Epistemology and the Kantian Tradition* (CONCEPT). Nesses eventos, exposto a críticas severas, além de perceber constrangedores erros no meu raciocínio, fui percebendo que existia uma pergunta anterior que eu não me dedicara a responder. Quando me ocupava em pensar se nós temos ou não temos a capacidade de refletir e examinar nossas razões ou qual o bem que a reflexão nos leva, eu não me questionava *por que procuramos razões, o que nos faz examinar nossas crenças e nos esforçarmos em encontrar justificativas...*

Um ano depois dessa minha visita à Alemanha, em uma ocasião rotineira, aconteceu o episódio que fez com que eu mudasse minha abordagem sobre esses assuntos¹: eu me dei conta de que examinar nossas crenças, refletir, procurar razões é algo que fazemos em várias oportunidades ao longo da vida, mas há uma circunstância especial: no confronto com nossos vizinhos, nas conversas motivadas por desacordos e conflitos intelectuais legítimos, nós nos comprometemos com as demandas dos nossos interlocutores.

3. Agora, passado algum tempo e gasto tamanho esforço, reuni minhas notas, dezenas de esboços, versões de artigos já publicados. Precisei decidir aonde afinal tudo isso me levou. Quando comecei o projeto deste livro, eu tinha a vaga ideia de que havia uma distinção entre o *propósito* da investigação que tenho conduzido nesses anos todos sobre o valor da reflexão e o *propósito* de escrever as páginas que seguem; são propósitos que podem nunca se conciliar; ao menos, tenho a impressão de que não consegui conciliá-los satisfatoriamente. O objetivo da investigação era a *verdade* (ou o *esclarecimento*) enquanto a finalidade deste livro é fazer um tipo de *reparação*. Com ele, procuro me conciliar com a minha sensação de fracasso na tentativa de encontrar uma resposta sobre a natureza do julgamento e o valor da reflexão.

Para trabalhar neste livro, eu tive de me voltar sobre o que eu havia escrito nos últimos anos, desafiar meus argumentos, remexer os meus equívocos, esgrimir contra minhas próprias palavras. O primeiro capítulo, “Como se perder na própria casa”, utiliza ideias que foram ensaiadas em Silva Filho & Rocha (2018) Silva Filho & Tateo (2019) e Silva Filho (2020d). O segundo capítulo, “Ainda é preciso ser neopirrônico”, é uma versão revista de um artigo publicado pela revista *Discurso* (Silva Filho, 2020a), mas retoma argumentos apresentados originalmente em Silva Filho (2015; 2018). “As vicissitudes da racionalidade”, o terceiro capítulo, está baseado no artigo “Racionalidad para los humanos” que apareceu na revista argentina *Análisis Filosófico* (Silva Filho, 2020c) e faz uma revisão daquilo que explorei em Silva Filho (2009; 2011a; 2011b). O quarto capítulo é a reelaboração do resultado de uma cooperação com Felipe Rocha e Virginia Dazzani (Silva Filho, Rocha & Dazzani, 2014). O último capítulo, “Para uma conversa, dois” nasceu das anotações e rascunhos que preparei para um curso na disciplina Problemas de Filosofia Contemporânea no Programa de Pós-

¹ Eu descrevo esse episódio do primeiro capítulo, “Como se perder na própria casa”.

graduação de Filosofia e agrega argumentos que apareceram em textos como Silva Filho (2012; 2013; 2020b; 2020d).

Agradecimentos

4. Em julho de 2019, eu caminhava pelas ruas sinuosas de Colônia, ao lado do meu querido amigo Plínio Smith. (Aquela região da Alemanha estava sendo assolada por uma intensa onda de calor que fazia com que os dias fossem intermináveis e sufocantes.) Além dos assuntos triviais do cotidiano, temas de política brasileira, literatura e o correr impreciso das nossas vidas, a filosofia e nossos trabalhos acadêmicos reiteradamente atravessavam nossa atenção. A presença de Plínio – sua inteligência e habilidade intelectual espantosa, sua cultura filosófica e literária e, em especial, sua compreensão da atividade filosófica (leia-se ceticismo) – tem marcado profunda e extensamente meu espírito. Nesses quase vinte anos de amizade tenho aprendido com ele mais do que o arco traçado pela história dos meus estudos... Com ele, fui apresentado à tradição cética, mas, acima de tudo, e eu aprendi a ter paciência comigo mesmo, com minhas aflições e derrotas intelectuais, com o meu próprio modo de conduzir *as minhas pesquisas* e comunicar as ideias que me ocorrem. Plínio foi a primeira pessoa do mundo acadêmico que disse ter visto algum valor nos meus textos, principalmente aqueles com um tom mais pessoal, onde expressei minha experiência intelectual, aqueles nos quais eu *ensaiava* dizer algo – e isso fez muita diferença para minha vida.

Naquelas caminhadas pelas ruas da *minha* Colônia – a Colônia de Heinrich Böll e da *Opera House* onde Keith Jarrett, em 1975, executou o improviso que ficou conhecido como *The Köln Concert* – eu tentava convencer Plínio a publicar um livro que apresentasse suas ideias mais pessoais sobre a prática da filosofia, o que, para meu contentamento, veio a se realizar alguns meses depois². Mas eis que foi daí que brotou a motivação deste livro. Nossas conversas me convenceram que minha angústia filosófica havia alcançado um nível que me obrigaria a usar o resto das minhas energias para brigar com as palavras, com o texto, e não mais comigo mesmo.

Plínio leu todo o manuscrito e não há como indicar quais foram as partes, parágrafos e elaborações que ele me ajudou a esclarecer ou melhorar – ainda que ele não contraia, com isso, qualquer responsabilidade com os erros e imprecisões que se mantêm intocados aqui.

5. O percurso de elaboração do material que se reúne neste livro tem uma história e eu preciso agradecer às instituições e pessoas que contribuíram para que eu tivesse os recursos e condições para trabalhar.

Eu fui apoiado enormemente pelo aparato institucional da minha universidade, a Universidade Federal da Bahia, e pelas agências de fomento à pesquisa no Brasil (entidades que hoje sofrem uma crise inédita que poderá afetar mortalmente a ciência brasileira e o futuro das novas gerações de pesquisadores).

² Eu estou falando do excepcional *A Experiência do Cético* (Smith, 2020).

Eu tenho recebido o benefício de bolsas de Produtividade em Pesquisa do CNPq de 2008 até a presente dada (processos n. 306190/2007-9, 309665/2010-8, 312567/2013-8, n. 312111/2016-9 e 311816/2019-3) e fui contemplado com dois estágios de pesquisa no exterior, o primeiro no Departamento de Filosofia da Harvard University e o segundo no Departamento de Linguística e Filosofia do Massachusetts Institute of Technology (MIT) com bolsas da CAPES (proc. n. 1052/09-8, biênio 2009-2010 e proc. n. 2706/15-6, biênio 2015-2016); também recebi apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) (proc. n. RED0008/2012, triênio 2012-2015) e CAPES/FAPESB (pedido n. 9542/2014) e de uma Chamada Universal do CNPq (422262/2016-1). Ademais, realizei dois estágios como Pesquisador Visitante em missão internacional de trabalho na Universität zu Köln, Alemanha, em 2017-2018 e 2019 com amparo financeiro da própria Universität zu Köln e do CAPES-PRINT.

Como a filosofia é, sobretudo, a arte do diálogo, da discussão e desacordos racionais, tudo o que tenho feito carrega a contribuição das inúmeras e valiosas críticas, objeções e sugestões que muitos colegas fizeram aos meus trabalhos: Agustin Rayo (MIT), Annalisa Coliva (UC-Irvine), John Greco (St. Louis University), Christoph Kelp (University of Glasgow), Ernest Sosa (Rutgers University), Peter Graham (UC-Irvine), Thomas Grundmann (Universität zu Köln), Jonathan Matheson (University of North Florida), Luis Rosa (Universität zu Köln), Declan Smithies (Ohio State University) e os membros do CONCEPT da Universität zu Köln e do grupo de pesquisa que eu lidero, *G.I.F.* (Grupo de Investigações Filosóficas: Mente, Conhecimento, Realidade).

Quase todos os textos que escrevi em filosofia foi resultado de apontamentos para os cursos na graduação de Filosofia ou no Programa de Pós-graduação de Filosofia da UFBA e no Programa de Pós-graduação de Ensino, Filosofia e História das Ciências da UFBA e UESF. Há vários anos eu assumi o seguinte: se eu solicito que os estudantes de pós-graduação, em meio a inúmeros compromissos para a elaboração de suas dissertações e teses, escrevam um ensaio ou artigo ao final do curso, por que eu também não faço o mesmo, como um modo de acompanhar suas dificuldades para lidar com os temas e a bibliografia? E tenho feito isso. Por isso, eu agradeço aos meus inumeráveis alunos por terem permitido que nossas aulas se tornassem um espaço para investigar e criar.

Agradeço ao Departamento de Filosofia da UFBA por ter acolhido meus pedidos para afastamento para períodos de pesquisa no exterior nos Estados Unidos e Alemanha em várias oportunidades.

Agradeço a Felipe Rocha que no início foi meu aluno e orientando, mas que depois, com sua inteligência e curiosidade, se tornou é um parceiro inestimável que abriu minha mente para aspectos da epistemologia que eu permanecia ingênuo.

Eduardo Barrio tem sido um parceiro inestimável. Com sua humanidade e excelência como filósofo, tem sido uma inspiração para meu trabalho filosófico. Talvez tenha sido com Edu que passei a ver que o melhor fruto que a filosofia

pode nos oferecer é amizade intelectual que contamina a vida comum.

Além de agradecimentos, eu necessito pedir desculpas aos meus orientandos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado que, no meio da pandemia da Covid-19, me viram cada vez mais ausente. Com esse livro, gostaria de reatar nossos laços.

6. Eu preciso fazer agradecimentos especiais a meus amados amigos Marcelo Faria que foi uma das primeiras pessoas com as quais conversei sobre a ideia deste livro e Marcelo Veras que tem sido um apoio espiritual que me ajuda a deixar os pés no chão, mesmo quando preciso viajar de avião. Sven Bernecker é um personagem muito importante por várias razões: primeiro porque se tornou um amigo e segundo porque ele me acolheu, sem qualquer razão aparente, na University of Berkeley-Irvine e depois no CONCEPT na Universität zu Köln.

Finalmente – e o mais importante –, escrever ainda pode ser um ato de amor. Sem a presença do meu amor, Virgínia Dazzani, e do filho, João, eu não me levantaria todos os dias para aproveitar o dom da vida. Virginia esteve presente em cada segundo da escrita deste livro, com seus desafios, sua energia, seu humor, seu carinho. João é minha luz. Eu escrevi o livro porque *ela* me pediu... eu escrevi o livro para que *ele* me visse trabalhando em algo que julgo importante.

VERSÃO NÃO REVISADA

Introdução

I

1. Para começar, uma confissão: desde o início, este livro *não* estava destinado a se tornar um livro *de verdade*, desses que têm peso e exibem o selo de uma editora, passam pelas mãos de revisores, diagramadores e funcionários de uma gráfica, e se acomodam docilmente em estantes à espera de quem os adote. Como sempre me ocorre, escrevo livros e tratados na minha própria mente, imagino-os, traço complexos argumentos, desenho suas capas, sonho-os, como faz o personagem de Borges que compõe sua obra, sua magistral obra, nos vestibulos da sua mente. Algumas poucas vezes, para meu constrangimento, refugos dessa minha (não tão magistral) obra escapam pelas paredes falsas, pelas passagens secretas do meu superego na forma de breves e confusos ensaios e artigos que, por serem fugitivos desesperados por asilo, prometem mais do que são capazes de oferecer – como foi o caso de alguns textos que aparecem aqui. Hoje eu já não me importo mais com esses resíduos. Quase sempre, para disfarçar seu malogro, são espirituosos.

Mas o caso é que este livro realmente não estava destinado a se tornar um *livro*. E ele permaneceria assim, habitando em mim, sendo revisado e reescrito naqueles momentos em que estou olhando pela varanda para lugar nenhum, quando faço o percurso de carro da minha casa até a universidade ou finjo estar fazendo algo sério, recluso no meu escritório. Trabalhar assim, confidencialmente, tem sido o empreendimento da minha vida secreta que não compartilho com ninguém. Por isso, no início, era indiferente para mim que as ideias deste livro imaginado se conservassem como nuvens de pensamentos, murmúrios furtivos, que não se atrevem a saltar à voz e à letra. De fato, a matéria que compõe *este* livro ficaria assombrando a intimidade dos meus devaneios se eu não tivesse sido arrastado pela tragédia da pandemia do coronavírus que começou no ano de 2020 e pela ruína humana em que meu país se tornou. Foi quando me senti obrigado a encontrar um caminho para enfrentar a desgraça que eu me lancei ao assombro das palavras, numa esperança vã de uma cura ou salvação – vã, mas esperança.

2. Na claustrofobia do isolamento social durante a pandemia, eu assistia, primeiro atônito e depois furioso, o espetáculo de horrores, as milhares de vidas sacrificadas, o ensurdecido som de pés se arrastando sob o comando do ódio, da mentira, da insanidade, do cinismo. Desespero, medo, desalento, ira, tristeza – era com esses sentimentos que meus dias iam sendo devorados. Como muitas outras pessoas, caminhava resignado para saltar no abismo. Meu labor cotidiano em um departamento de filosofia perdia seu sentido ante o horror do real – o real metafísico é o resultado dos dados que Deus lançou³. Um horror que

³ Devo ao psicanalista Marcelo Veras essa imagem do *real* como resultado de *Deus*, existindo ou não, ter lançado os dados.

consumia quase totalmente as minhas forças. Eu cheguei ao limite de me ver como aquele que habita a “mansarda” e isso foi ainda mais aterrorizante. Como escreveu Fernando Pessoa n’*A Tabacaria*:

Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
(e se soubessem quem é, o que saberiam?)
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos...

Por mais que eu abraçasse ao peito mais humanidades do que Jesus Cristo ou imaginasse mais tratados de metafísica do que Kant, mesmo assim, eu permanecia como aquele que observa da janela, à distância, o abismo se abrir e me afundava na lassidão.

3. Eu construíra uma carreira acadêmica quase toda dedicada a investigar e falar sobre aquilo que posso chamar de *minha tempestade íntima* – expressão usada por um dos personagens da novela *Os vivos e os outros* de José Eduardo Agualusa (2020). Minha tempestade íntima é o jogo da dúvida e da certeza que habitam *em mim*, é a sindicância sobre a capacidade que *eu tenho* para julgar meus próprios estados. Por esse motivo, tenho feito pesquisas e dado aulas sobre o lugar e valor da reflexão na filosofia contemporânea, especialmente na epistemologia; em várias ocasiões tenho discutido o argumento filosófico (de longa tradição) segundo o qual para que uma pessoa esteja *cognitivamente justificada* a ter uma crença e, com isso, ter conhecimento, não é suficiente que essa crença seja *apenas* verdadeira (embora isso seja, de fato, necessário); outrossim, deve-se exigir que a pessoa tenha consciência das razões que podem ser apresentadas a favor da verdade, razoabilidade, coerência da crença.

Por mais que eu me empenhasse nesse projeto, passados vários anos, o estado no qual eu afinal me encontrei poderia ser descrito com termos como *confusão, obscuridade e desorientação* intelectual. E eis que o espetáculo de horrores do Brasil me atropela e esses sentimentos de *confusão, obscuridade e desorientação* adquirem um caráter ainda mais grave, porque se somou a uma crescente ansiedade que alagou todos os espaços da vida. Como filósofo profissional, minha única conclusão era que *nada* daquilo que li e pensei em todos esses anos sobre justificação epistêmica, epistemologia das virtudes, ceticismo e ética das crenças contribuiu para que eu conquistasse alguma lucidez, conhecimento ou, pelo menos, tranquilidade. Àqueles sentimentos negativos se somou a sensação de *vazio* que herdei da desgraça do meu país. Um filósofo aturdido, com um projeto intelectual possivelmente malgrado, observando da sacada um mundo em ruínas, derrota, dor, morte, ódio, numa mistura improvável e trágica entre Ingmar Bergman e *Invasão Zumbi*.

4. De certo modo, eu estava disposto a aceitar o destino do meu fracasso como filósofo e já não me incomodava mais o fato de eu *não ter algo a dizer...* não porque

eu conquistasse o silêncio do sábio, a posição desafiadora de Sócrates ou a omissão cínica. Eu fracassara e não tinha qualquer coisa a fazer exceto reconhecer que cheguei ao limite das minhas capacidades e mergulhara na confusão e desorientação. E eu me acostumei a me perdoar por isso. Uma *tempestade íntima*, um pensamento obstruído e povoado por ideias obscuras, um sentimento pessoal de desilusão... Mas a visão de um abismo humano e civilizatório se abrindo diante dos próprios olhos não permitiu que eu me perdoasse novamente e repousasse no esmorecimento.

Na novela *Os vivos e os outros* à qual me referi acima, um grupo de escritores africanos de várias nacionalidades se reúne para um festival literário na Ilha de Moçambique, situada na província de Nampula, região norte de Moçambique. Ocorre uma devastadora tempestade que os isola do continente. O que se segue é que todos ali serão instados a se preparar para o que virá – o que pode ser, inclusive, o fim. Naquele caos, na absoluta falta de garantias sobre o que virá, eles *precisam fazer algo*. Procrastinar ou ser consumido pelo medo não são opções. Esperar que a tormenta e desamparo passem também não era uma opção. Pois bem, *eu sou um personagem dessa novela* – um daqueles sem nome mergulhado na multidão que povoa a paisagem da novela, mas que, nem por isso, deixa de estar no mesmo pandemônio. Assim como, ao andar de bicicleta, é mais fácil equilibrar-se estando em movimento do que parado, no desespero das minhas horas, pus-me a escrever sem que, para isso, eu contasse com ideias claras e distintas; eu seguia adiante, mesmo sem vislumbrar um caminho seguro, em meio à minha própria confusão, às minhas próprias trevas.

O trabalho de escrever este livro, caminhando na corda bamba sem ter uma rede de proteção⁴, procurei enfrentar o que me perturbava, as ideias obstruídas e os argumentos inconclusos que formavam minha *tempestade íntima*. Sempre me lembro que Margaret Atwood (2003, p. xxii), quando comenta o que caracteriza a arte de escrever literatura, analisando diferentes autores de variadas trajetórias e época, diz:

Obstrução, obscuridade, vazio, desorientação, crepúsculo, treva, muitas vezes combinados a uma luta ou trilha ou jornada – uma inabilidade para ver o caminho à frente, mas também um sentimento de que há um caminho à frente, e que continuar avançando acabaria por dar condições para a visão – são esses os elementos comuns em muitas descrições do processo de escrever. Isso me lembra algo que disse um estudante de medicina sobre o interior do corpo humano, quarenta anos atrás: ‘É escuro lá dentro’.

Possivelmente, então, escrever tenha relação com a escuridão e o desejo ou talvez a compulsão de a penetrar e, com sorte, iluminá-la e trazer alguma coisa à luz.

Margaret Atwood estava tratando da experiência de grandes escritores, mas sinto que o que ela disse se aplicava perfeitamente a mim. Não só na literatura,

⁴ Esta é uma referência ao livro *Andando na corda bamba da razão* de Robert Fogelin (2016).

mas também na filosofia, escrever é lutar contra o que obstrui, cega, desorienta – e, para isso, não é necessário esperar que as sombras dissipem.

Na posição em que me encontrava, na minha profissão, o único caminho era *escrever*, mesmo que eu não tivesse um plano de voo claro e seguro.

II

5. Como se verá, algumas referências serão recorrentes em toda a extensão deste livro. O ceticismo tem um papel especial, mas eu o uso de um jeito que pode contrariar meus colegas, principalmente aqueles que conhecem em profundidade o ceticismo antigo e a epistemologia contemporânea.

Em primeiro lugar, por teimosia ou ignorância, é possível que eu não tenha compreendido corretamente o ceticismo e que em breve eu seja corrigido por algum colega e me veja obrigado a mudar de opinião. Considero, por exemplo, que a pessoa cética é um ser humano comum que se tornou filósofa pela necessidade de encontrar a verdade – como apraz a todos os filósofos e filósofas. Além de ser uma pessoa sensível às perturbações da vida, a cética cultiva duas atitudes que nem sempre estão presentes nos seus colegas: uma autodisciplina para evitar a precipitação, o descaso, a parcialidade, a arrogância e outros vícios intelectuais; e também uma empatia radical com suas interlocutoras, considerando-as tão humanas quanto ela própria. Essas interlocutoras podem ser outra filósofa dogmática que fora convencida a participar da arena do diálogo por compartilharem os mesmos interesses ou qualquer pessoa que se veja acometida de males intelectuais e se pergunta pelo *ser*.

Em relação a si mesma, enquanto segue investigando para alcançar seu desígnio pessoal, a pessoa cética recorre aos instrumentos da filosofia e permanece aberta ao diálogo sincero com outras pessoas porque se dera conta das diversas opiniões que poderiam ser igualmente verdadeiras. Já em relação às outras pessoas, depois de concluir sua investigação, a cética não teoriza, não professa, não ensina; ela apenas relata sua experiência na esperança de ajudar seus amigos e semelhantes. Quando digo que a pessoa cética, enquanto segue investigando, utiliza os instrumentos da filosofia, estou imaginando que toda a atividade filosófica é acometida por aquilo que Harold Bloom, falando de poesia, chamou de *a angústia da influência*, o conflito entre apropriar-se da tradição e a superar.

6. Eu encontrei nos textos de Sexto Empírico e seus seguidores, incluindo os contemporâneos, exercícios intelectuais que têm interferido na condução do meu cotidiano de professor de filosofia e de homem comum: nunca me pareceu que, para uma filósofa que busca a verdade, *a tranquilidade por meio da suspensão de juízo* fosse um sucesso pretendido no início da investigação. Eu nunca pensei seriamente que para os temas que me levaram à filosofia eu poderia seguir um caminho que me levasse deliberadamente à satisfação de abandonar a investigação. De acordo com as minhas inclinações, *a suspensão de juízo* é mais

fruto do acaso e das provas nas quais tropeçamos do que de uma estratégia deliberada que fixa de antemão um resultado para a investigação.

Neste ponto eu me afasto dos céticos e das céticas, pois eu não busco a suspensão do juízo. Talvez eu até venha a suspender o juízo em algum momento, mas isso será um golpe de sorte. Mas como sou atormentado pela suspeita de que sou um filósofo incompetente e de que conduzo minhas investigações de maneira inadequada, imagino que não suspenderei o juízo. Não é improvável que toda a investigação filosófica esteja condenada ao malogro. Um fracasso inevitável exatamente porque o sucesso almejado – aquela explicação, aquela verdade, aquele conhecimento sobre o *ser* – não pode ocorrer. E essa impossibilidade não se deve ao fato de que a pergunta não tem sentido, é uma falsa pergunta, fruto de confusões e delírios. Não. A pergunta tipicamente filosófica sobre *o que é* sempre é uma pergunta vital, são dúvidas e inquietações incontornáveis, mas que, para nosso infortúnio, não há como as responder de modo satisfatório – se é que podem ser respondidas de algum modo. Donde a mais difícil e valiosa realização que o ceticismo nos ensina é aprender a lidar com essa falta. Não posso deixar de concordar com Barry Stroud:

Um resultado possível da reflexão filosófica poderia ser a constatação de que, na busca de um entendimento completamente geral de nós mesmos em relação ao mundo independente, *nenhuma* satisfação metafísica [*metaphysical satisfaction*] é possível de uma forma ou de outra (2011, p. 160).

Mesmo relatando seu insucesso na busca da verdade – ou justamente por isso – , vi no exemplo do ceticismo um meio para me manter ponderado, razoável, cuidadoso, caritativo, lidar com meu próprio fracasso (ainda que eu não me desculpe por ele) e isso me ajudou a cultivar uma amizade intelectual com outras pessoas que enfrentam dissabores parecido com os meus. Como você verá, leitor, a amizade será muito importante para desenvolver meu tema.

III

7. Este livro agrupa alguns textos que têm o formato de *ensaio*. Como eu o pratico, o ensaio é um tipo de texto que examina algumas das minhas próprias impressões que não são evidentes para mim, refletindo sobre assuntos de um ponto de vista único e pessoal. Não tenho exatamente um argumento estruturado na sua forma lógica, mas uma bruma, e o resultado está longe de ser uma conclusão – talvez uma impressão pessoal.

O meu ensaio também não é uma *confissão* (que arrola a história íntima, os infortúnios e a redenção pessoal) e não é uma *meditação* (que examina a própria experiência epistêmica pessoal e atual). Também não é um *relato* no estilo de Sexto Empírico (que apresenta um caminho percorrido para motivar o cultivo de uma certa atitude e curar aqueles que queiram alcançar a tranquilidade). Este ainda não é um *texto exemplar* (que visa a educar as outras pessoas). Para mim, porém, o ensaio, naquilo que lhe é peculiar, é um tipo de texto que guarda certo parentesco com a confissão, a meditação e o relato sextiano: ele é um relato

pessoal, escrito em primeira pessoa, sobre *como* um assunto se transformou em problema para mim – problema que se assemelha àquilo que frequentemente as pessoas chamam de problema filosófico, mas que, no fundo, não faz mais do que revelar um profundo sofrimento espiritual que pode ser partilhado com outras pessoas.

Isso quer dizer que, ao menos no meu caso, a filosofia não começa com um problema claramente formulado. Antes mesmo de tentar achar a solução de um problema filosófico, como se a única ou principal tarefa filosófica fosse encontrar uma teoria que respondesse à pergunta filosófica, penso que tenho de tentar entender a significação desse problema. Mesmo tendo me esforçado nessa direção, não sei se logrei captar o sentido ou a natureza dos problemas filosóficos, se é que eles têm um sentido preciso ou uma natureza

O estilo de texto é ensaístico também nesse sentido: não apresento uma doutrina, nem mesmo sustento uma simples tese, mas *descrevo* o que me apareceu (no passado), remeto a algumas argumentações que nasceram em certos cenários, lembro de comentar autores que me comoveram com suas ideais e seus próprios erros; e isso muitas vezes apenas para concluir que se tudo aquilo ocorresse agora, talvez eu fizesse diferente.

O meu texto é um ensaio também nesse sentido: é uma *tentativa* (como aparece no sentido de *essai* em Montaigne).

8. Embora não seja confortável escrever deste modo, foi o único meio que encontrei. Não fosse assim, ainda estaria vagando, consumido com os restos que se acumulavam dentro de mim. Escrever, mesmo sendo uma atividade solitária, é o ato de se dirigir a outra pessoa, ainda que seja um leitor desconhecido: é um ato amoroso, amistoso, filantrópico. Eu escrevo para as outras pessoas e, para isso, faço um trabalho árduo de pesquisa, escrita, revisão, atravesso noites, abandono outros afazeres, ainda que permaneça assombrado pela possibilidade de não ser bem-sucedido nesse esforço de *dizer algo*.

IV

9. Este livro está organizado em cinco capítulos.

O primeiro capítulo, “Como se perder na própria casa”, é uma tentativa de *mostrar* por que eu estive incomodado, inquieto, ao limite de ficar intelectualmente desassossegado com aquilo que os epistemólogos têm escrito sobre reflexão. A *reflexão* é um tema filosófico, mais especificamente epistemológico, que nos acompanha desde a Antiguidade. É, portanto, um tema tradicional e, mesmo, central para a filosofia. Como tal, está relacionada a outros assuntos relevantes tratados pela filosofia, como a faculdade de julgar, a racionalidade e a agência.

Pareceu-me que as diferentes posições filosóficas sobre esse assunto eram igualmente interessantes e frágeis: enquanto alguns defendem que a reflexão é importante, é uma condição para termos estados epistêmicos valiosos, como o conhecimento, a justificação ou o entendimento, outros declaram que

essa expectativa filosófica é excessiva ou ilusória, baseada numa superintelectualização das nossas capacidades cognitivas. No início, eu me coloquei a estudar a literatura sobre o assunto porque me parecia auspicioso arriscar uma solução elegante, ao modo dos filósofos analíticos.

Ocorreu, porém, em uma conversa corriqueira com um amigo, eu ter sido sacudido por um desproporcional sentimento de aflição ao me ver obrigado a admitir total falta de clareza sobre minhas próprias convicções acerca disso. Sobre o que, afinal, os epistemólogos estavam em desacordo quando discutiam sobre “reflexão”? Eu sabia apenas que eles estavam se referindo a algo que poderia ser descrito como uma *performance meta-cognitiva individual e privada* que permitiria que uma pessoa examinasse seus estados... solitariamente; e que alguns defendiam o valor e eficiência epistêmica dessa performance, outros estavam contrários a isso. *O que os levaram a inventar tal imagem* ao mesmo tempo excepcional e inapreensível, uma imagem que ultrapassa nossa vida comum? O primeiro capítulo é o relato da perturbação que essa discussão causou em mim.

10. Como disse acima, o modo como tenho praticado filosofia tem recebido uma grande influência do ceticismo, mas mais especificamente do pensamento de Oswaldo Porchat. O capítulo dois, “Ainda é preciso ser neopirrônico” mostra como eu o leio e, conseqüentemente, como compreendo o ceticismo (ou neopirronismo) e, desse modo, como eu compreendo o meu próprio trabalho.

O capítulo trata de duas questões: por que o modo como o neopirrônico conduz a sua atividade filosófica seria mais *virtuoso* do que o faz o seu colega não pirrônico, dogmático? E por que o resultado que ele alcança seria mais *valioso*? Posto isso, minha resposta à primeira pergunta é que o modo como o neopirrônico investiga é mais virtuoso porque procura evitar deliberadamente os vícios da precipitação, arrogância e fechamento mental. Em relação à segunda pergunta, sugiro que o resultado da investigação do neopirrônico, qualquer que seja (mesmo que não seja a verdade) é mais valioso *por causa* do modo como ele conduz sua investigação.

11. Na seqüência eu passo a considerar diretamente autores e referência da filosofia analítica contemporânea. Nesse contexto, o tema da reflexão tem sua relevância porque está associado ao problema de como agimos *por causa de razões*. Além do ceticismo clássico e do neopirronismo, tenho uma grande dívida com os filósofos e filósofas analíticos – talvez não do modo como meus colegas analíticos lidam com essa tradição.

O capítulo “As vicissitudes da racionalidade” está baseado numa discussão das noções de racionalidade e agência no livro *Racionalidad, acción y opacidad* do filósofo argentino Fernando Broncano (2017). Nesse livro, contradizendo as teses normativas aprioristas ou o simples descritivismo naturalista, Broncano argumenta que a racionalidade é algo que está diretamente associado com nossas práticas comuns de avaliação dos julgamentos, ações e decisões perante os outros.

Para Broncano, “racionalidade” deve ser considerado como um termo que usamos como um qualificador intelectual ou como uma virtude que conferimos às pessoas que podem tomar decisões teóricas e práticas de forma autônoma. Assim, a racionalidade não seria uma condição *a priori* para que alguém se tornasse uma pessoa ou uma capacidade de eliminar a turbulência da precariedade cognitiva e moral humana; ela seria o resultado da busca da lucidez em um mundo incerto. Com isso, racionalidade e agência seriam produtos da interdependência social que uma pessoa tem em relação à outra pessoa. Esse capítulo está organizado em três seções: na primeira, faço uma breve apresentação de um dos aspectos do problema que motivou a discussão filosófica sobre racionalidade e agência; na segunda, apresento minha compreensão dos temas desenvolvidos em *Racionalidad, acción y opacidad*, sua estrutura interna e, naturalmente, sua tese central; na terceira seção, discuto como a normatividade da racionalidade surge de nosso encontro dialético com outras pessoas e faço considerações pessoais sobre o valor e o alcance dos argumentos construídos neste trabalho.

12. O quarto capítulo tem o título “O entendimento e a arena das razões”. A sua primeira versão contou com a colaboração de Felipe Rocha e Virginia Dazzani. Nesse capítulo, eu acuso o fato de que as investigações em epistemologia não deram muita atenção ao tema do *valor epistêmico* e à noção de *entendimento*. Em geral, os epistemólogos têm se concentrado na discussão sobre a natureza e a possibilidade do *conhecimento*, entendido, quase sempre, de acordo com a definição clássica, como *crença verdadeira e justificada*. Nessa ótica, o conhecimento seria uma crença (que poderia ser analisada como estado ou disposição) verdadeira (uma vez que não poderia existir um conhecimento baseado numa crença falsa) e justificada (uma vez que só deveriam contar como conhecimento aquelas crenças verdadeiras que o sujeito tenha razões para acreditar ou que não foram adquiridas pela simples sorte).

Houve muita discussão em torno de argumentos céticos que apresentavam desafios às teorias epistemológicas clássicas. Um exemplo disso são os “cenários céticos” como, por exemplo, aqueles argumentos que colocavam o sujeito numa situação na qual ele está impedido de decidir se está ou não justificado a acreditar em alguma crença – mesmo que seja verdadeira (*e.g.* o argumento do sonho, o argumento do gênio maligno, o argumento do cérebro numa cuba onde o sujeito tem um pensamento sobre uma experiência ou um objeto, mas não pode distinguir se é uma experiência legítima ou ilusória).

Nesse capítulo, eu sigo uma outra direção e faço duas coisas: apresento aquelas posições que têm motivado a investigação sobre o *valor epistêmico* e trato do fato de que as recentes discussões acerca do valor do conhecimento têm começado a explorar a possibilidade de que não é o conhecimento que tem um valor epistêmico especial, mas sim um outro estado epistêmico – a saber, o entendimento (em inglês, *understanding*). À luz do debate em torno do *confiabilismo* e das *virtudes intelectuais*, alguns epistemólogos passaram a demonstrar uma explícita insatisfação com o foco contemporâneo exclusivo na definição de conhecimento e no combate ao desafio cético. Filósofos como

Catherine Elgin, Linda Zagzebski, Jonathan Kvanvig, Duncan Pritchard e Wayne Riggs sustentam que a epistemologia deveria se interessar mais pela noção de entendimento, argumentando que essa noção seria mais valiosa uma vez que envolve aspectos cruciais da racionalidade, como a apresentação de razões que tornam um processo de produção de crenças mais confiável, um sentido de reflexividade e responsabilidade e as ideias de uma compreensão do mundo e de realização cognitiva.

13. Você, leitor, perceberá facilmente que tenho o hábito de confrontar os problemas filosóficos com a dinâmica da vida comum, interrogando a filosofia a partir do que se nos aparece na experiência mundana com outras pessoas. Isso não é um método, mas uma inclinação pessoal. É assim que minha mente funciona, como se eu estivesse procurando uma iluminação. Essa inclinação expõe o modo como eu leio, interpreto e recepciono o ceticismo e a filosofia analítica. Mas quando temos um hábito arraigado, uma inclinação, pode acontecer que não estejamos conscientemente lúcidos da sua influência sobre nossos pensamentos. Por essa razão, por causa da opacidade natural do hábito, como relato no primeiro capítulo, foi surpreendente para mim pensar que o tema da reflexão em epistemologia poderia ser confrontado com os usos do termo “reflexão” no dia a dia. Na vida comum, falamos que uma pessoa *está refletindo* quando ela está absorta nos próprios pensamentos, assim como quando ela *está refletindo sobre o que seu amigo lhe disse* ou *sobre o que leu no livro*. Essa é uma constatação empírica: dizemos no cotidiano que refletimos sobre nossos próprios pensamentos e crenças e sobre os pensamentos e crenças dos outros. Isso é comum, ordinário. Há mais? Por causa dessa cadeia de raciocínio e depois dos acontecimentos narrados no primeiro capítulo, fiquei imaginando que eu poderia imaginar e descrever a ideia da reflexão no contexto de um espaço constitutivo da experiência humana: a conversa...

No quinto capítulo, “Para uma conversa, dois”, eu falo dos dois personagens de uma conversa, a *primeira pessoa* e *segunda pessoa*. Na primeira parte desse capítulo, eu trato da noção de “falar sobre si mesmo” como uma performance linguística de uma pessoa cujo *objeto* são suas próprias crenças, pensamentos, desejos. Com base nisso, considero que nosso entendimento dos nossos próprios estados psicológicos (como acreditar e desejar) é falível, incompleto e não luminoso e que, a rigor, não se constitui em uma forma de conhecimento. Isto, porém, não nos retira o direito legítimo de produzir enunciados de primeira pessoa sobre nossos próprios estados em relação aos quais temos uma autoridade e responsabilidade que outras pessoas não têm.

A segunda parte desse capítulo faz um comentário sobre a concepção de segunda pessoa em Donald Davidson. Para Davidson, o que caracteriza um *ato significativo* e a possibilidade do *conteúdo de uma atitude* é a interação entre dois agentes movida por uma intenção primária: o falante tem a intenção de que suas declarações sejam entendidas por uma outra pessoa. Essa seção do capítulo segue três passos: no primeiro, apresento o sentido específico de segunda pessoa como uma *criatura com a qual o falante interage atualmente*, independente de partilharem uma regra ou convenção linguística de antemão. No segundo,

exponho a tese da *triangulação* em Davidson, qual seja, que a individualização das crenças e pensamentos se estabelece a partir de conexões causais sistemáticas na triangulação entre o indivíduo, outro falante com quem ele interage e objetos ou eventos no mundo. Por fim, no terceiro passo, apresento minhas considerações sobre a ideia da “norma da conversa” como uma ferramenta teórica para tratar questões epistemológicas: na conversa, quando os interlocutores tentam se entender mutuamente, os falantes se empenham em um tipo de investigação acerca do significado e do conteúdo das frases, crenças e intenções em disputa.

V

14. Todos os dias em que trabalhei neste livro, quando me sentava à mesa no meu escritório, fui tomado por ondas de sentimentos intensos e contraditórios que iam da euforia e mania à apatia, desânimo, culpa e, por muito tempo, quase sempre anunciavam a chegada de um estado de injustificada irritação. Muitas vezes fiquei imóvel diante dos meus papéis ou precisei de horas para iniciar a tomar notas ou rever meus apontamentos e escrever. Houve ainda dias inteiros em que o trabalho não resultou numa única linha. De modo invariável, o trabalho começava na forma de uma batalha na qual eu lutava para simplesmente não abandonar o projeto.

Os dias que antecederam a conclusão do manuscrito deste livro foram intensos. Oscilei da mais cruel autocomiseração à mais profunda tranquilidade, passado por ataques de descontrolada euforia. Antes de começar a trabalhar (escrevo à mão com lápis em blocos de papel) tudo é péssimo, confuso e sem qualquer valor. Quando estou trabalhando, as palavras parecem fazer algum sentido e o esforço, ter um propósito, muitas vezes parece um propósito grandioso (nesses dias eu seria capaz, não fossem outras obrigações, de atravessar madrugadas trabalhando na companhia de uma caneca de um bom café e de Keith Jarrett). Mas, quando encerro, sou novamente tomado por profunda insatisfação. Isso me faz continuar trabalhando, como sempre fiz. Divido minha alma em *acreditar* que todo o esforço valerá a pena e em *desacreditar* disso.

Por que essa luta? Por que eu me entregava a esse conflito e não apenas seguia o trabalho ou o lançava fora e partia para outras tarefas mais prazerosas? Não foi como minha mão esquerda jogar xadrez contra minha mão direita; foi como as fazer esgrimir. E por que, afinal, eu comecei essa campanha?

15. Quando eu já havia desistido e voltado a circular pelos meus tormentos, um pedido de um querido amigo, Plínio, e da mulher que eu amo, Virgínia, fizeram-me concluir o manuscrito. O incentivo de outro amigo, Marcelo Faria, me animou muito. Afinal, essas pessoas me fizeram ver que esse é meu ofício, o meu trabalho.

Haruki Murakami (1979, p. 21) começa a sua primeira novela escrevendo que “não existe texto perfeito” do mesmo modo “como não existe desespero

perfeito”. Dessa maneira, se eu parto “do princípio de que em qualquer coisa há sempre algo novo para aprender, envelhecer não é tão ruim assim” e que vale a pena seguir o caminho que começamos. Assim como o narrador de *Ouçã a canção do vento*, lidei com esse dilema da imperfeição por muito tempo, adiei fazer esse gesto, mas “acho que é a hora de eu contar a minha história”. É claro que *nenhuma questão está resolvida*.

16. Se há uma pergunta, é provável que exista uma resposta e, se houver várias, que exista também a melhor resposta. Se reconhecemos que o assunto que motivou o projeto inicial deste livro tem uma longa tradição na filosofia, é quase certo que eu esteja ignorando algo ou que eu não tenha entendido alguma coisa relevante.

Acerca desse assunto eu poderia ter alcançado a pacificação do espírito de diversas maneiras: encontrando a resposta adequada ou concluindo que o problema é ilusório ou, até, suspendendo o juízo. Mas essa pacificação não veio; não veio a resposta adequada que pudesse se transformar em um artigo acadêmico decente; não veio a dissolução do problema; tampouco suspendi o juízo. E eu não pude evitar a suspeita de que a investigação por mim realizada não tenha sido satisfatoriamente conduzida, não sei se os meios que adotei foram os mais apropriados para o fim que me coloquei. Qualquer que ele seja, parece que o resultado (uma doutrina, a denúncia da falta de sentido das doutrinas filosóficas, a suspensão do juízo) depende de algo a respeito do qual permaneço com severas dúvidas – se a minha investigação foi levada a cabo como se deveria.

Ao final da investigação, não conquistei uma melhor explicação ou a teoria correta, e o que me restou não foi mais do que uma *inclinação pessoal*, uma *expectativa*, uma *atitude* que me ocorreu compartilhar com outras pessoas. No meu caso pessoal, o resultado não chega a ser sequer uma suspensão do juízo, como ocorre aos céticos, porque tenho a sensação de que a investigação que realizei não é capaz de produzir nem mesmo esse resultado parcial e temporário. Ainda assim, creio que há uma grande afinidade entre a minha experiência filosófica e aquela do cético.

17. Além de ser um modo de não ceder à paralisia diante da tragédia que arruína o Brasil, seguir trabalhando *neste* livro, no assunto *deste* livro, pensar no significado da conversa e do desacordo, significou uma transformação: eu pude entender que quase tudo o que fiz até aqui era uma espécie de *autoficção* onde o meu objeto eram as minhas próprias afeções e pensamentos... Contrariando minhas próprias intuições, até aqui havia não mais do que sobras das outras pessoas, vultos descarnados. Agora, para mim, as pessoas, aquelas a quem me dirijo com palavras e que dirigem a mim suas declarações, resgatam-me do solipsismo que venho combatendo como monstros gigantes.

Escrever esse livro significou uma transformação pessoal. Quando comecei minha pesquisa, eu tinha o firme propósito de encontrar e defender uma tese – *que a reflexão tem um valor epistêmico para a vida humana comum* –, mas conforme eu ingressava no jogo dialético com as pessoas que me cercam e a

organizar as ideias que iam alimentado cada página ou depois, quando eu revisava os parágrafos escritos, comecei a seguir um outro caminho que me levou a um lugar diferente que eu não espera *no início...* Fui sendo convencido pela própria experiência de pensar, falar e escrever de que a reflexão é apenas um ingrediente de uma prática humana, *a conversa em contextos de desacordos sinceros e inescapáveis*. Dei-me conta de que minha transformação pessoal só foi possível graças à conversa que travo neste livro com outras posições filosóficas; sem essa conversa, não haveria descoberta, nem autoficção.

18. Enfrentei a tarefa de escrever este livro sob o impacto do lamento dilacerante, sofrido, angustiante, presente no texto de Eliane Brum, “A marcha dos mortos”, publicado no *El País* (no dia 08 de agosto de 2020). Não há como reproduzir aqui o abatimento de que fui sendo acometido enquanto lia aquelas palavras. Mas, um pouco antes do final do artigo, recebi um sacolejo que me expulsou do torpor e fui trabalhar nos parafusos deste livro.

Eu concluí a primeira versão deste livro no dia 31 de dezembro de 2020 como uma maneira de confrontar a aflição, a raiva e a tristeza – não as apagar ou as esquecer, confrontar. Não que isso pudesse interromper o desastre – como um super-herói que suporta nos ombros a força descomunal de uma locomotiva desgovernada. Isso apenas me liga aos meus contemporâneos, me faz estar em contato com meus alunos e colegas e a quem mais estiver interessado nesses assuntos *fora do lugar*. Escrever me lembra que estou vivendo entre os vivos, como recomendava Montaigne.

Sem pensar nos méritos do que segue adiante, este livro é um gesto de amizade.